

“ Os dissidentes sexuais perturbam a psicanálise?”

# DISSIDÊNCIA SEXUAL E TEORIAS PSICANALÍTICAS NO DIVANO

Desconfortos, encruzilhadas e estacas

## Facundo Blestcher<sup>1</sup>

1 Psicanalista. Mestre em Clínica Psicanalítica (Universidade de León). Presidente da FLAPPSIP. Professor de graduação e pós-graduação (UBA, UNR, UCSF, UCSE). Membro pleno da ASAPPIA. Presidente da Associação de Psicanálise “Sigmund Freud” del Litoral. Membro do Conselho Consultivo do Foro de Psicanálise e Gênero da Associação de Psicólogos de Buenos Aires. .  
facundoblestcher@gmail.com

*Não preciso de um disfarce  
Aqui está a minha cara  
Eu falo pela minha diferença  
Defendo quem eu sou  
E eu não sou assim tão estranho  
(Pedro Lemebel)*

*Reclamo o meu direito a ser um monstro e a que os outros sejam normais.  
[...] O meu ser eu, entre tantas semelhanças, entre tanta domesticação,  
Entre tantas coisas que foram enfiadas pelos cabelos em algo.  
[...] Apenas o meu direito vital a ser um monstro ou lá como me chamo  
ou o que eu quiser, o que quer que o meu desejo e a merda do meu desejo  
me possam dar  
(Susy Shock)*

“As dissidências sexuais incomodam a psicanálise?” pode parecer a alguns psicanalistas uma pergunta retórica, cuja resposta seria óbvia. Ou simplesmente uma questão irrelevante. Ou um convite para se sacudir de certezas e deixar-se interpelar por outros. Talvez se os termos fossem invertidos - “Será que a psicanálise incomoda as dissidências sexuais?” - a resposta poderia parecer menos elusiva.

A atual pluralização de posições identificatorias em termos de gênero (masculinos, femininos, trans, travestis, não binário, fluido, agênero, entre muitas outras alternativas), a multiplicidade de posições corpóreas e a diversificação de orientações desejáveis, práticas sexuais e erotismos estão a abalar os dispositivos sociais que procuram regulamentá-los e atravessam as apresentações clínicas e os sofrimentos de muitas pessoas que nos consultam. Estas mutações são inseparáveis das lutas dos movimentos de mulheres e dos coletivos de diversidade sexual que alteram o regime cisheteronormativo patriarcal, pressionando para a sanção de quadros normativos que visam alargar o reconhecimento dos direitos. O que é que está em jogo nesta heterogeneidade de experiências? Não se trata apenas de modificações nas vicissitudes da sexualidade - que nunca deixa de produzir pontos de fuga face aos mandatos restritivos que procuram domesticá-la - mas também de metamorfoses antropológicas de alcance insuspeito. Implica modificações nos processos de produção de subjectividades cuja incidência não se restringe às sexualidades e gêneros, mas afeta as configurações humanas tal como as conhecemos. Isto não significa uma demolição da ordem simbólica - como alguns discursos anteciparam catastroficamente - mas sim a fratura gradual da ordem sexual moderna.

### **(Com)posições sexuais atuais: o artefato analítico desconfortável**

Partilharei alguns fragmentos das primeiras sessões com Julieta, uma jovem mulher trans de vinte anos, que iniciou a sua análise devido a certas frustrações nas suas relações amorosas e a uma inibição para desenvolver uma vida sexual agradável.

*Sempre me senti assim, como uma mulher. Obviamente que nasci como homem, tenho genitais masculinos, mas nunca me pude reconhecer como um homem. Há três anos atrás, comecei a assumir a minha identidade feminina. A primeira coisa que fiz foi modificar pouco a pouco a minha aparência, para a tornar mais de acordo com a minha aparência e o meu sentimento, e como quero que eles me vejam. Comecei a crescer o meu cabelo comprido, a depilar e a usar roupas de mulher... Costumava vestir-me mais andrógino. Para mim, é uma escolha que vai para além do corpo ou do físico. Foi por isso que também mudei o meu nome no documento.*

*No início, foi um choque para a minha família. Embora fosse algo que todos sabiam ou pelo menos sentiam, os meus pais pensavam que eu era gay. Os meus irmãos compreenderam mais rapidamente e tudo está bem com eles. Os meus pais passaram um mau bocado, especialmente a minha mãe. Tivemos muitos confrontos e lutas porque eu estava zangado por eles não me terem compreendido. Agora, com o passar do tempo, compreendo que não foi fácil para eles. Estou ciente de que pode ser perturbador para eles, mas não o faço para os magoar. Não gosto que se sintam mal por mim, mas não posso deixar de ser quem sou para que eles não sofram ou sofram menos. Ainda lhes custa chamar-me Julieta ou falar comigo em termos femininos, e o meu nome masculino escapa-lhes. Mas eu tento respeitar o seu tempo e não entrar em conflitos. Nas redes sociais e entre os meus amigos, eles chamam-me pelo meu nome feminino e aceitam-me como sou. Lá posso ser eu próprio mais livremente.*

As suas memórias de infância são dominadas por aquilo que Freud (1893/1995) designou com o termo alemão “Kränkung”: afronta, mortificação, um sofrimento tolerado em silêncio.

*Quando eu era menina, não sei se costumava dizer “sinto-me como uma mulher”. Pelo contrário, senti-me desconfortável, como se houvesse algo de errado. Percebi que eu não era como os outros meninos. Sempre preferi passar mais tempo com meninas do que com meninos, gostava de brincar com Barbies, não me sentia atraída por desporto ou lutas. Disseram-me “puto”, “trollo”, “maricas” e sofri muito. Senti-me rejeitada por causa dos meus modos, porque como homem era muito efeminado, e isso também me deixou muito zangada comigo mesma. Tentei comportar-me como um homem, mas não consegui. Foi uma dupla rejeição: a dos outros e a minha própria. Isolei-me porque estava zangada comigo mesma. Agora que penso nisso, penso que durante a minha infância estive muito deprimida. Quase não tinha amigos, não saía, ficava presa em casa ou ia a lugares, mas não estava feliz. Em todas as fotos dessa época tenho um olhar triste na minha cara. A minha mãe disse que eu parecia sempre com cara de cu, mas na realidade eu estava triste e não sabia o que fazer comigo mesma.*

*À medida que fui crescendo, fui compreendendo mais sobre o que estava errado comigo e como me sentia. Enquanto adolescente, tornou-se mais claro que me sentia como uma mulher por dentro, apesar de me vestir como um homem. Mas ainda guardei tudo o que me aconteceu, fechei-me a mim próprio, fui tímida e isolei-me muito. Então um dia explodi. Senti-me mal.... todos aqueles anos a guardar as coisas para mim, a tentar aceitar-me. Quando tinha dezessete anos, disse aos meus pais a verdade sobre o que me estava a acontecer. Era como dizer “basta, não quero mais passar um mau bocado, não quero seguir a vida de outra pessoa”. Chorei muito e senti-me aliviada, foi como se um peso me tivesse sido retirado dos ombros.*

Nestes casos, os efeitos das experiências de sofrimento e violência, mesmo muito cedo, que deixaram marcas traumáticas profundas na constituição psíquica, são frequentemente captados na análise. Rejeição, exclusão e estigmatização perfuram as representações narcisistas e sujeitam o sujeito a uma dor psíquica que se desarticula precocemente as redes de ligação e amor sobre os quais o sujeito se pode sustentar vitalmente. A incidência de dispositivos dessubjectivantes não é estranha às práticas supostamente analíticas ou psicoterapêuticas que reproduzem significados cisheteronormativos hegemónicos:

*Os meus pais decidiram enviar-me a uma psicóloga. No início, pensaram que era um capricho ou uma loucura minha. Uma ideia que tinha ficado presa na minha cabeça. Fui ao psicanalista e não consegui falar livremente. Ela fez-me perguntas e tudo o que me disse teve a ver com o facto de eu ser um rapaz, de não me ser possível sentir como uma mulher, de ter a ver com o facto de ter tido um conflito com o meu pai e por isso me recusei a ser um rapaz. Que desde criança me apeguei muito à minha mãe e foi por isso que sentia admiração pelas mulheres. Ela também me disse que uma coisa era ser um rapaz gay e outra era sentir-se como uma mulher. Isso é óbvio! A questão é que lhe estava a dizer que me sentia como uma mulher, não que era gay. Depois perguntou-me se eu gostava de raparigas ou rapazes, por quem me excitava, se me masturbava, se entendia que tinha um pénis e que isso fazia de mim um homem. Claro que tenho um pénis, mas não era disso que eu estava a falar. Foi uma situação muito violenta. Saí de cada sessão de uma maneira má. Não sei se posso dizer que me senti presa no corpo de outra pessoa, mas como se estivesse a viver a vida de outra pessoa, uma vida que não era minha. A mudança não acontece da noite para o dia, mas agora estou mais feliz comigo mesma e com os outros. Todos têm os seus medos e obstáculos a resolver ou ultrapassar. Vou tentar viver a vida o mais feliz possível, como todos querem. Tenho tido um pouco de dificuldade com as relações amorosas. Já saí com alguns rapazes, mas tenho muitas inseguranças. Talvez seja uma questão de auto-estima. Quando é altura de passar para algo mais íntimo, bloqueio-me muito, preocupo-me com o que a outra pessoa possa pensar, por isso percebo que acabo por cortar as relações por medo.*

Os existenciários e experiências subjectivas dissociadas explodem os limites, classificações e práticas sustentadas no binarismo da diferença sexual (Preciado, 2020). Apelar a uma lógica binária, dicotômica e de exclusão não parece ser suficiente - se é que alguma vez poderia ser.

O exercício do diagnóstico como instrumento de patologização pode ser pensado como um dispositivo biopolítico destinado a sustentar o binarismo do sistema sexo/gênero. Judith Butler (2006) afirma: “[...] esta violência emerge de um profundo desejo de manter a ordem do binário de gênero natural ou necessário, de fazer dela uma estrutura, seja natural, cultural ou ambas, contra a qual nenhum humano se pode opor e permanecer humano” (p. 59). Tal ultraje reforça a “vulnerabilidade maximizada” que afeta as dissidências sexo-genéricas. Os custos somáticos e psíquicos e os danos sofridos por aqueles que não vivem as suas sexualidades, gêneros e gozos em termos aceitáveis para o atual regime normativo podem ser difíceis de reparar, pois estar nos limites do reconhecimento equivale a não poder viver uma existência potencialmente habitável.

### **Uma clínica psicanalítica suficientemente boa**

O procedimento pelo qual as sexualidades dissidentes são patologizadas a priori é sustentado por afirmações que homologam o travestismo e a perversão, ou o transexualismo e a psicose, ou que enquadram as crianças travestis ou trans na linha do estrago/ destruição materno - quando não são mães: fálicas, crocodilos, alienantes, psicóticas ou simplesmente loucas! Uma nova figura do “monstro” é assim construída, combinando o impossível e o proibido, o anormal e o objecto (Foucault, 2007; Butler, 2008; Preciado, 2020).

Aqueles de nós que têm a experiência de acompanhar travestis, transexuais ou transgeneros no decurso da sua análise não partilham este preconceito, uma vez que - como em todos os sujeitos - as formas como exercem a sua sexualidade ou as suas posições de identidade não definem em si mesmos nem a sua estruturação psíquica nem a sua eventual psicopatologia. Com isto, não pretendemos suprimir as concepções psicopatológicas que orientam a nossa clínica, mas submetê-las ao teste metapsicológico, respeitando a complexidade das determinações erógenas, desejosas, fantasmáticas, identificadoras, ideológicas e históricas em que se inscrevem os processos de constituição sexual (Bleustcher, 2015, 2017). Estamos empenhados na recuperação vigorosa da noção de sexualidade ampliada, entendida como um plus de prazer, irreduzível à autopreservação biológica, constituída a partir da pulsação primária do outro e sujeita a complexos processos de simbolização. O sexual - que nenhuma fórmula ou matema esgota - excede os arranjos sociais que regem a divisão dos sexos, não se reduz aos processos de sexuação e vai além da genitalidade atravessada pela diferença entre os sexos. Não pode ser normatizada ou subsumida a uma síntese harmoniosa e livre de conflitos:

A sexualidade não é um caminho linear que vai do impulso parcial à asunção da identidade, passando pela fase fálica e Édipo como marcos ao longo do caminho, mas constitui-se como um movimento complexo de assemblages e resignificações, de articulações provenientes de vários estratos da vida psíquica e da cultura, das incidências da ideologia e dos movimentos de desejo, pelo que é necessário dar a cada elemento o seu peso específico (Bleichmar, 2014, p. 254).

A identificação do género - como todos os enunciados identificatorios - corresponde ao tópica do eu. A inscrição do género opera antes do reconhecimento da diferença anatômica entre os sexos, é re-significada pela sexuação e não constitui o resultado da escolha do objeto. Os enunciados que irão configurar a identificação do género configuram o conteúdo nuclear da representação narcisista. Uma vez inscritos metabolicamente e estabilizando a argamassa representativa do ego, não podem ser desmontados, exceto com o risco de desencadear uma desestruturação psíquica. Portanto, a trama identificatoria em que o sujeito é instalado deve ser respeitado como condição de estabilidade estrutural e só deve ser questionado quando o seu equilíbrio está em risco ou empobrece as suas melhores possibilidades de realização subjetiva.

A recepção benevolente (Laplanche, 1990) coloca a ética como um vector fundamental da transferência e da aplicação do método. Não oferecemos uma figura precisa como um ideal ao qual os seres humanos se devem conformar - o que prefigura a abstinência sexual, do conhecimento e do poder que define a nossa posição -, nem ignoramos ingenuamente a incidência da análise no contexto da lógica colectiva. Os existenciais sexuais e as trajetórias desejáveis das subjectividades atuais desafiam as nossas conceptualizações e revelam pontos de resistência - pontos cegos - onde os significados hegemónicos são replicados.

A clínica contemporânea exige de nós uma abertura permanente na nossa escuta, não só para acolher as palavras dos outros na sua singularidade, mas também para examinar as nossas teorias sexuais e as nossas representações do género - bem como as nossas determinações ideológicas, raciais e de classe.

Não se trata, portanto, de pensar no que a psicanálise e os psicanalistas têm a dizer sobre a dissidência sexual, mas o que as vozes dissidentes dizem sobre os nossos imaginários. Vale a pena recordar a observação de Freud na sua discussão com Putnam: “[...] o reconhecimento das nossas limitações terapêuticas reforça a nossa determinação em mudar outros factores sociais para que tanto homens como mulheres [poderíamos dizer todes] deixem de se sentir forçados a situações desesperadas”.

Referências bibliográficas

- BLEICHMAR, S. (2014) Las teorías sexuales en psicoanálisis. Qué permanece de ellas en la práctica actual. Buenos Aires: Paidós.
- BLESTCHER, F. (2015). Sexualidades diversas y síntomas de la solución paterna. Actualidad Psicológica, año XL, n. 447. Buenos Aires: Actualidad Psicológica, p. 8-11.
- BLESTCHER, F. (2017). "La sexualidad infantil más acá del género y la sexuación: extravíos y encaminamientos de la teoría sexual", en MORENO GARCÍA, R. (org), Sobre o infantilismo da sexualidade. Porto Alegre: Sulina.
- BLESTCHER, F. (2017). "Infancias trans y destinos de la diferencia sexual: nuevos existenciaros, renovadas teorías", en MELER, I. (comp.), Psicoanálisis y género. Escritos sobre el amor, el trabajo, la sexualidad y la violencia. Buenos Aires: Paidós.
- BUTLER, J. (2006) Deshacer el género. Barcelona: Paidós.
- BUTLER, J. (2008) Cuerpos que importan. Buenos Aires: Paidós.
- FOUCAULT, M. (2007) Los anormales. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica.
- FREUD, S. (1893/1995). Obras completas. Buenos Aires: Amorrortu. "Estudios sobre la histeria", v. II, p. 34.
- LAPLANCHE, J. (1990) Problemáticas V. La cubeta. Trascendencia de la transferencia. Buenos Aires: Amorrortu.
- PRECIADO, P. B. (2020) Yo soy el monstruo que os habla. Informe para una academia de psicoanalistas. Barcelona: Anagrama.